

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos este número especial da Revista Saberes, intitulado **"Por uma Alfabetização Plural"**. Nele, a capacidade de ler e escrever não é abordada como mera decodificação de símbolos, mas como ferramenta essencial para a inovação, o acesso ao conhecimento e a participação social e cultural. Em um cenário global onde ainda persistem desafios significativos, a construção de uma sociedade de leitores autônomos permanece condição essencial para a justiça social e para a cultura que dá forma a um mundo mais justo e humano. Este volume imerge nas multifacetadas dimensões da alfabetização e propõe uma abordagem integrada, que considera a complexidade do cérebro humano, a diversidade cultural e as realidades sociais e materiais de nossas escolas. Visa, assim, pavimentar o caminho para uma educação catalisadora de um novo e tão necessário tempo.

A compreensão plural da alfabetização está fundamentalmente alicerçada nos trabalhos seminais de Jean-Émile Gombert (1990), o qual elucidou a relevância da consciência metalinguística, a capacidade de reflexão sobre a própria língua, e a vinculou intrinsecamente às dimensões fonológica, lexical e semântica que emergem nos estágios iniciais da aquisição da escrita, configurando um arcabouço teórico essencial para a análise multifacetada desse processo.

Abrindo as reflexões deste volume no contexto dos estudos internacionais, o artigo **"Para uma Abordagem Pragmática do Ensino da Escrita", de Jean-Émile Gombert (Université de Rennes/France)**, é disponibilizado em formato bilíngue, contemplando tanto o original em francês quanto a tradução em português. Essa opção editorial visa não apenas consolidar o diálogo acadêmico intercultural, mas também assegurar a precisão conceitual dos termos empregados pelo autor. Em seu texto, Gombert apresenta as principais conclusões das Conferências de Consenso francesas, que destacam uma pedagogia da escrita alicerçada em pesquisas científicas e na concretude da realidade pedagógica, distanciando-se de posicionamentos ideológicos. O autor enfatiza a essencialidade de uma iniciação e de um desenvolvimento contínuo da aprendizagem da leitura desde a Educação Infantil, abarcando suas dimensões complementares, desde o domínio do código e a aquisição vocabular, passando pela sintaxe, até a compreensão textual e a reflexão

metalinguística sobre a linguagem oral e escrita. Gombert, que presidiu a última dessas conferências na França, assevera que tal abordagem multidimensional, explícita e sequencial é primordial para o estabelecimento de um continuum efetivo entre decodificação e compreensão na alfabetização. Ele destaca que a automatização do reconhecimento de palavras não apenas não se opõe, mas constitui condição *sine qua non* para que o leitor possa direcionar sua atenção aos significados, ao mesmo tempo em que a alfabetização na era digital e as particularidades da leitura de diferentes gêneros textuais devem ser consideradas.

Diante da contribuição desse modelo consensual, instamos pela instituição de Conferências de Consenso análogas no Brasil, encarando-as como um caminho fundamental para catalisar um diálogo nacional colaborativo, visando à formulação de políticas e práticas de alfabetização ancoradas na concretude da realidade educativa, social e cultural de nosso país.

Em **"Alfabetização Plural Interativa para a Formação de uma Sociedade de Leitores"**, Vera Wannmacher Pereira (UESB) e Ângela Chuvas Naschold (UFRN) defendem a necessidade de uma alfabetização plural e interativa para a formação de leitores autônomos, partindo de uma crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por ignorar as condições materiais e sociais da escola brasileira. A alfabetização é apresentada como um processo multidimensional que integra diversas facetas da linguagem, da dimensão gráfica à textual, com a cultura e o "mundo da vida" dos alfabetizandos, destacando-se a negligência com a dimensão gráfica, cujo reconhecimento exige, conforme a neurociência, um processo de "reciclagem neuronal". Ao explorar achados da neurociência e da psicolinguística que validam o processamento paralelo e práticas interativas, as autoras concluem que a metodologia das palavras geradoras de Paulo Freire, ao conectar o aprendizado à realidade dos educandos, constitui um caminho eficaz para uma alfabetização que não apenas decodifica, mas empodera, formando leitores autônomos e capazes de construir suas próprias conclusões.

A pluralidade da alfabetização é igualmente enfatizada pela necessidade de uma leitura fluente que transcende a simples decodificação, conforme abordado por **Fernanda Leopoldina Viana (UMinho/Portugal) e Carla Fernandes Monteiro (IPL de Vianna do Castelo/Portugal) em "Fluência de Leitura: Da Teoria à Prática Pedagógica"**. Nesse artigo, a leitura é definida como o processo de extrair e construir significados. As autoras destacam a fluência, caracterizada pela precisão,

velocidade/automaticidade e prosódia, como crucial para que o leitor, ao superar o lento processo inicial de decodificação, possa liberar recursos cognitivos e focar na compreensão do sentido. Para tal, apresentam estratégias concretas, amplamente reconhecidas pela investigação e de comprovada eficácia, tais como: a modelagem da leitura, que expõe os alunos a bons modelos para internalizar a expressividade e o ritmo; as leituras repetidas, que incluem variantes como a leitura assistida (com apoio de um leitor mais proficiente ou em pares), a leitura sombra (com textos pré-gravados, inclusive em coro) e a leitura em eco (onde excertos são repetidos após o modelo); e a leitura de atuação, que confere propósito e caráter motivador às repetições, ao transformar a prática em uma performance para uma audiência. Tais abordagens visam transformar a repetição necessária para o desenvolvimento da fluência em um processo prazeroso e significativo, como detalham os exemplos de operacionalização em sala de aula presentes no artigo.

Complementando essa visão, o estudo de **Ana Paula Rigatti Scherer (UFRGS), "Decodificação e Fluência da Leitura: Evidências no Ensino por Meio da Consciência Fonológica"**, reforça que, quanto mais fluente a leitura, mais eficaz a compreensão. Scherer demonstra como a consciência fonológica e o domínio do princípio alfabético são fundamentais para que as crianças leiam as palavras com maior facilidade e rapidez, resultando em uma leitura mais fluente. A autora sublinha a conexão vital entre essas habilidades e o desenvolvimento pleno da leitura e escrita. Um dos achados mais notáveis de sua pesquisa reside na comparação da velocidade com que dois grupos de crianças leram vinte e cinco (25) pseudopalavras, termos inventados que seguem as regras fonotáticas da língua, exigindo que o leitor ative seu conhecimento sobre a combinação de sons e letras. O Grupo A, que recebeu foco intensivo na consciência fonológica e no sistema alfabético, leu todas as palavras em um tempo significativamente menor do que o Grupo B, que não teve esse preparo específico. Essa vantagem do Grupo A tornou-se ainda mais evidente em palavras com sílabas complexas. Por exemplo, ao ler a pseudopalavra "PERCALENA", o Grupo A concluiu a tarefa com extrema rapidez, enquanto o Grupo B demandou um tempo consideravelmente maior para realizar a mesma leitura. Tais dados demonstram, robustamente, que uma abordagem que valoriza a consciência fonológica impacta significativamente a rapidez e a fluidez na aprendizagem da leitura em crianças.

A aplicabilidade dessas teorias materializa-se em experiências pedagógicas concretas, como o projeto **"A Magia do Saber"**, detalhado na **contribuição de Maria José da Silva Souza (Rede Municipal de Ensino de Currais Novos/RN)** acerca de seu impacto na leitura e na escrita. Em um contexto desafiador, no semiárido potiguar, mais precisamente na Fazenda Totoró, alunos do 6º ano de uma escola rural, incluindo repetentes e estudantes fora da faixa etária tidos pela professora anterior como prováveis reprovados, encontraram na atuação da docente de Língua Portuguesa um verdadeiro oásis de conhecimento. A autora ilustra como, após os pré-testes diagnosticarem que a totalidade da turma (100%) apresentava dificuldades básicas, como trocas de letras, problemas com sílabas tônicas e a incapacidade de quatro alunos de ler palavras consideradas complexas, foram implementadas estratégias lúdicas e atrativas. Desenvolvidas a partir de portfólios didáticos construídos com base em uma história infanto-juvenil, instrumentos diagnósticos e atividades fundamentadas nas neurociências da leitura, promoveram significativos avanços, superando os déficits iniciais e fortalecendo a leitura, a escrita e a compreensão leitora dos alunos. O desfecho foi a aprovação de 100% da turma ao final do ano letivo, incluindo os alunos anteriormente desacreditados, transformando a aprendizagem em um processo prazeroso e pleno de descobertas.

Contudo, a relação entre fatores psicossociais e desempenho acadêmico pode ser mais complexa do que se supõe, como demonstrado na pesquisa **"Autoconceito e Desempenho Inicial em Leitura e Escrita"**, de Beatriz Vieira Souza (UESB) e Ronei Guaresi (UESB). Este estudo, focado em crianças do 3º ano do Ensino Fundamental (tipicamente entre 8 e 9 anos), investigou a relação entre o autoconceito, definido como a percepção do indivíduo sobre si mesmo e dimensionado pela Escala de Autoconceito Infanto Juvenil (EAC-IJ) por meio de esferas como a familiar, social, pessoal e escolar, e o desempenho em leitura e escrita. De forma contraintuitiva frente a parte da literatura que aponta para uma correlação, observou-se que a relação entre essas variáveis não se mostrou estatisticamente significativa. Essa particularidade pode ser compreendida à luz do desenvolvimento psicológico nessa faixa etária: embora as crianças já possuam uma percepção de si próprias em processo de individualização, elas tendem a manifestar um otimismo natural e a priorizar dimensões sociais e pessoais do *self*, o que pode levar a uma menor conscientização ou internalização de suas dificuldades acadêmicas como fator preponderante em sua autoimagem global. Assim, o impacto

do autoconceito no desempenho pode ser limitado nesses anos iniciais, percebido pela própria criança que talvez ainda não associe tão diretamente seu valor pessoal ao desempenho escolar. Para desvendar esse aparente paradoxo e capturar as nuances dessa interação, os autores ressaltam a urgência de futuras pesquisas que ampliem a amostra, explorem outras faixas etárias e, crucialmente, incorporem métodos qualitativos e análises individualizadas, buscando apreender as diversas facetas de como a autopercepção se constrói e, de fato, influencia (ou não) o desempenho acadêmico em diferentes estágios do desenvolvimento infantil.

Expandindo a compreensão da alfabetização plural, o artigo **"Arte e Educação Geográfica", de Alessandro Dozena (UFRN)**, aborda a relevante interseção entre arte e geografia. Neste trabalho, a arte é concebida não apenas como reflexo da geografia, mas como um guia que, ao transcender os limites formais, propicia a compreensão e a exploração de novas dimensões do saber espacial. Dozena demonstra como a arte pode complementar o conhecimento geográfico, estabelecendo um diálogo enriquecedor e multifacetado.

Para Dozena, o engajamento com o mundo pode ser visto sob a ótica de uma "geografia da arte", que integra o rigor científico à sensibilidade artística. Essa perspectiva alinha-se com a de figuras como Élisée Reclus, geógrafo clássico e artista, que afirmava falar "não como geógrafo, mas como artista", evidenciando que arte e ciência são "narrativas inacabadas de mundo, e não hierárquicas", onde emoção e razão coexistem. Dozena incentiva a investigação da arte para além dos espaços convencionais, nas ruas, em intervenções urbanas e em polos culturais como a antiga fábrica Bhering, no Rio de Janeiro. A arte de rua, a dança e a música em espaços públicos são apresentadas como "ferramentas geográficas" que contribuem para a compreensão e a reconfiguração do caráter público desses espaços. Assim, a alfabetização expande-se para incluir a capacidade de interpretar e interagir com o mundo por meio de diversas linguagens (verbal, artística, corporal e sonora), formando indivíduos críticos com compreensão aprofundada dos espaços e culturas. A arte, nesse contexto, torna-se um componente crucial para a leitura e a construção do entorno.

A perspectiva plural da alfabetização abarca o desenvolvimento integral do indivíduo desde a primeira infância. O estudo de **Alina Galvão Spinillo (UFPE) e Adriétt Marinho (UFPE)**, **"Compreendendo Textos Antes de Aprender a Ler"**, investiga a compreensão oral em crianças da Educação Infantil. As autoras apontam

que, embora o nível de compreensão varie conforme os recursos metodológicos, a capacidade de inferência é limitada nessa fase. A pesquisa ressalta a importância da compreensão oral como preditora da compreensão leitora posterior, defendendo intervenções precoces que estimulem a resposta a questionamentos e o relato de histórias, reforçando a necessidade de um processo contínuo e multidimensional de aprendizagem da leitura desde a Educação Infantil, por meio de estratégias de construção do sentido e incentivo à produção de inferências.

Para finalizar a sequência e, em um gesto editorial que sublinha o compromisso desta publicação com a pluralidade linguística e o diálogo acadêmico internacional, o artigo **"Desenvolvimento da escrita além da letra bastão: evidências linguísticas e neurocognitivas"**, de Marcello Marcelino (UNIFESP), que aborda especificamente a alfabetização em contextos bilíngues português-inglês, é apresentado em ambas as línguas. Em seu texto, o autor discute o desenvolvimento da escrita a partir de uma perspectiva linguística e neurocognitiva, questionando a predominância da letra bastão nos anos iniciais da alfabetização no Brasil. Com base em pesquisas da ciência cognitiva da leitura e em dados observacionais provenientes de um contexto escolar bilíngue internacional, o estudo examina os efeitos da exposição precoce e integrada à pluralidade de *scripts* no processo de consolidação da escrita. Ao articular evidências empíricas, contribuições da linguística e resultados de investigações em neurociência, o trabalho propõe uma reflexão sobre a organização do *input* gráfico na alfabetização e suas implicações pedagógicas, especialmente em contextos educacionais bilíngues.

Apesar dos avanços teóricos e das experiências exitosas, o cenário da alfabetização no Brasil ainda exige atenção urgente. Este número da revista convida à reflexão sobre a responsabilidade coletiva de enfrentar esses desafios, pois acredita que a "Alfabetização Plural" é um caminho tangível para formar leitores que não apenas decodifiquem, mas que possam ir além, compreendendo, questionando, produzindo e reconfigurando a sua realidade. Ao integrar o saber científico com uma prática pedagógica humanizada e contextualizada que valoriza a bagagem cultural de cada aluno, podemos fomentar uma sociedade de leitores protagonistas de sua trajetória no mundo.

Assim, convidamos cada leitor a explorar os artigos deste volume, suas propostas e resultados para um diálogo contínuo em prol de uma alfabetização que

se renove continuamente. Ao descolonizarmos paradigmas históricos que negligenciam a diversidade cultural e as formas plurais do saber, buscamos romper com visões únicas e hegemônicas. Pelo reconhecimento e valorização das múltiplas vozes e experiências que compõem a rica tapeçaria da sociedade e do conhecimento, almejamos a construção de um processo de alfabetização que promova a autonomia de todos, capacitando-os a escrever suas próprias narrativas.

Prof.^a Dr.^a Angela Chuvas Naschold (UFRN)

Prof.^a Dr.^a Vera Wannmacher Pereira (UESB)

Organizadoras